INOVAÇÃO

PAULO LANZETTA/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC

O uso eficiente das terras e a conservação dos solos no processo de integração entre lavoura e pecuária ganha relevância nas regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Sustentabilidade e renda no campo a partir da pesquisa

Embrapa foi decisiva para avanços em produtividade do agro do Sul do Estado

Patrícia Lima
economia@jornaldocomercio.com.br

Fazer com que agronegócio rime com sustentabilidade. Esse vem sendo o grande desafio dos pesquisadores da área – e a responsabilidade só aumenta para o futuro. Ter um agro que alie alta produtividade com conservação dos biomas e da biodiversidade é o objetivo que vem sendo perseguido pela Embrapa na Metade Sul do Estado há anos.

"O trabalho dos pesquisadores é conciliar os temas críticos para a sociedade e para os produtores, como segurança alimentar, conservação da biodiversidade e enfrentamento das mudanças climáticas", destaca o chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Clima Temperado, Gustavo Heiden. Segundo ele, é respondendo a essas demandas que a pesquisa agropecuária atenderá ao propósito de posicionar a região como referência em produção com qualidade, produtividade e sustentabilidade.

Nesse propósito, alguns temas ganham protagonismo, como o uso eficiente das terras e a conservação dos solos no processo de integração entre lavoura e pecuária. As pesquisas que resultaram no desenvolvimento da técnica sulco-camalhão pela Embrapa são um exemplo da resposta a esse desafio.

Ao adotar a tecnologia de uso das terras planas e baixas, características da Metade Sul do Estado, o produtor consorcia variados cultivos, já que consegue otimizar a drenagem em períodos de muita chuva e irrigar em tempos de seca. "Com essa técnica, a produtividade de culturas como milho e soja aumenta, diversificando as fontes de renda do produtor", explica Heiden.

Outro projeto que revela a importância da pesquisa é a Rota dos Butiazais. Ao perceber que o butiá, palmeira nativa do Pampa, estava desaparecendo de algumas áreas, os pesquisadores estudaram o ajuste de carga de gado nas propriedades – com menos animais pastando, as plantas mais jovens tinham oportunidade de vingar, possibilitando a renovação.

Com mais frutos disponíveis, os produtores foram capacitados para aproveitar a polpa do butiá em doces e conservas, diversificando a fonte de renda. "Essa pesquisa demonstrou que é possível compatibilizar a pecuária extensiva com a conservação das florestas nativas, recuperando áreas e gerando renda para quem está no campo", salienta Heinden.

Qualidade reconhecida para agregar valor ao produto da região também é desafio da pesquisa agropecuária. Conquistado no ano passado, o selo de qualidade da carne produzida no Pampa Gaúcho teve a participação da Embrapa Pecuária Sul, que integrou todo o processo que resultou na obtenção do selo, desde a formação da Associação de Produtores de Carne do Pampa Gaúcho (Apropampa) até os estudos para a delimitação de área e para a regulação.

Reconhecida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), a marca coletiva Apropampa deve valorizar a carne proveniente do bioma.

"Fazer essa parceria com a Embrapa qualifica a produção e promove a diferenciação do produto", destaca o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Danilo Sant'Anna.

Inovação chega pelas águas na Universidade Federal do Rio Grande

Lançado em 2019, o Inova RS é um programa do governo do Estado que pretende incluir o Rio Grande do Sul no mapa global da inovação a partir da construção de parcerias estratégicas entre a sociedade civil organizada e os setores empresarial, acadêmico e governamental. O objetivo é que o Estado se torne referência em desenvolvimento regional baseado em inovação até 2030. De acordo com a previsão, a vocação da Região Sul se concentra em desenvolver especialização inteligente nas áreas de biotecnologia, automação e inteligência artificial nos setores do agronegócio, economia do mar e saúde.

Um dos vetores identificados como potencialidade da região pelo programa Inova RS é a Economia do Mar. O programa do governo do Estado aponta como uma das principais vocações dos municípios do Sul a capacidade de gerar inovação e negócios a partir dos ambientes costeiros e portuários. A mola propulsora desse movimento está estabelecida desde 2013, quando a Universidade Federal do Rio Grande (Furg) fundou o OceanTec, parque tecnológico e científico que já traz no nome sua principal característica. "Entendemos que o Parque Tecnológico representa o conhecimento acadêmico que a universidade tem. Sempre fomos bons em ciências do mar, somos uma cidade cercada de água e temos força nessa área. Por isso nosso parque se chama OceanTec", explica o diretor, Artur Gibbon. Foi na Furg que nasceu o primeiro curso de Oceanografia do País, em 1970. O objetivo do OceanTec é estimular a pesquisa, o empreendedorismo e a inovação por meio da integração entre a academia, a sociedade, a iniciativa privada e os governos.

Dentro do parque funcionam startups e empresas convencionais, com cerca de 150 pessoas. Além do ambiente universitário, que dá acesso a laboratórios e grupos de pesquisa, o local promove a conexão entre empresas e empreendedores, que passam a gerar negócios entre si.

De acordo com Gibbon, a universidade volta seus esforços para consolidar na região o conceito de Economia Azul – que é a economia do mar, baseada em atividades relacionadas aos ambientes costeiros, guiada pelo princípio da sustentabilidade, tanto econômica quanto ambiental. A ideia é que, a partir de Rio Grande, seja possível conectar as cidades banhadas pelo Oceano Atlântico e pela Lagoa dos Patos, desenvolvendo atividades inovadoras, pesquisas e negócios, estimulando atividades econômicas que distribuam renda e promovam a qualidade de vida nas cidades da região.

"Nossa visão de futuro é que a cidade seja referência internacional em Economia Azul, gerando desenvolvimento a partir das atividades relacionadas ao mar", afirma Gibbon. Exemplo disso é a iniciativa chamada de Grande Pacto pela Inovação.